

★ EDITORIAL

Neste volume 7 (1 e 2) da revista *Olhares*, a Escola Superior de Artes Célia Helena reafirma seu compromisso em estimular e difundir a produção de conhecimento nas Artes da Cena, com ênfase no teatro, apresentando pesquisas que interseccionam teoria e prática, ampliando horizontes sobre os modos de criação, tanto no campo acadêmico como no campo profissional.

A versão *on-line* desta presente publicação chega em meio ao isolamento social imposto pela pandemia causada pela Covid-19. Afetando a todos, numa escala mundial, o momento de reclusão nos lembra, a cada dia, nossa vulnerabilidade, exigindo que reconfiguremos nossos hábitos, rotinas e relações humanas. Trabalhar com arte e educação têm sido um enorme desafio, pois as relações interpessoais e o coletivo são o alicerce de nossa construção artística. Somos mulheres e homens de teatro, esta arte da presença, do tempo compartilhado, do afeto pelo outro e sobre o outro, um ofício que é nutrido pelo encontro. Mesmo diante das adversidades do contexto atual é urgente lembrar que “atores somos todos nós”, como disse Augusto Boal, capa deste volume. Amparados pelo olhar profundo e esperançoso de Boal, desejamos que as leituras dos textos a seguir apresentados atuem como um sopro de novos ares para o cotidiano dos nossos leitores.

Visando refletir sobre as conexões entre arte, folclore e educação, a atriz e historiadora Tânia Gomes Mendonça aborda a relação de Cecília Meireles com o teatro de bonecos, a partir da peça *Auto de Natal – auto do menino atrasado*, criada em 1940.

Ao trazer determinadas intervenções artísticas como material de discussão, a atriz, diretora e professora Luaa Gabanini apresenta a expressão “diásporas performáticas”, utilizando o termo “diáspora” para criar um campo de reflexão sobre a performance.

O pesquisador, crítico e jornalista Leidson Malan Ferraz faz apontamentos sobre publicações do teatro brasileiro, apresentando um panorama dos lançamentos das últimas décadas, destacando as estratégias e instrumentos que viabilizam as publicações em livro.

No artigo *Stanislávski e a tomada de decisão*, o encenador e pedagogo Marco Antonio Rodrigues apresenta reflexões sobre a gramática stanislavskiana, considerando sua aplicação pedagógica na escola Célia Helena desde os anos 1970, abordando, também, o contexto histórico e os caminhos criativos que permitiram que o ator, encenador e pedagogo russo formulasse seu Sistema.

Ao relatar o processo de criação e montagem de *Parahyba Rio Mulher*, a atriz e arquiteta Natália A. de Sá traz à tona histórias de mulheres, contextualizando e discutindo processos de violência e silenciamento contra a mulher, formas e forças de resistência feminina e também questões sobre ancestralidade e ritos presentes na vida e na arte.

Em Antonin Artaud: uma breve análise da emissão radiofônica *Para acabar com o juízo de deus*, a atriz Natasha do Lago tece reflexões analítico-críticas sobre a citada obra, apresentando determinados aspectos históricos e biográficos que marcam a produção artística de Artaud.

Em *Guerrilhas, performance e territórios*: vivendo nas fissuras, José Pedro Almeida/Thi. Gresa, pessoa não binária, artista e professora discute em que medida a performance aciona tensões, questionamentos e rupturas a partir da compreensão de que corpo e política são indissociáveis na produção de narrativas pessoais no mundo.

Em *Poiesis*, Olivia Falcão, atriz e especialista em Corpo, discute a improvisação na dança e as fronteiras entre arte e vida ao abordar, especificamente, a noção de Treino Poético e a instauração da prática improvisacional, a partir dos pensamentos e práticas de Dudude Herrmann e Lisa Nelson.

Abrimos a seção Dramaturgia Latino-Americana com a apresentação de um Retrato de Augusto Boal, feito por Marco Antonio Rodrigues. Ao localizar Boal em um contexto histórico e político, Marco Antonio dimensiona que não existe arte apartada de seu tempo e que é urgente dar voz às minorias e lutar contra o autoritarismo, revelando suas estruturas de poder e opressão. E, na sequência, a seção traz o texto *Os três mandarins comilões e o engenho do povo mágico*, uma fábula de Augusto Boal, mais atual do que nunca.

Na seção Memória, a professora, pesquisadora e artista do corpo Sônia Machado de Azevedo escreve uma carta de despedida a Jacó Guinsburg, oferecendo uma afetiva homenagem ao professor, teórico e crítico de teatro, fundador e diretor-presidente da Editora Perspectiva, que nos deixou no ano de 2018. Ao refletir sobre seu encontro com Jacó Guinsburg, Sônia de Azevedo nos diz que “talvez seja assim mesmo: os que amamos nunca morrem”.

Por fim, parece possível dizer que os artistas que estão reunidos nessa revista nos lembram, de um modo ou de outro, de questões centrais para as Artes da Cena: a ideia de que vida e teatro, intrínsecos por natureza, sejam uma prática constante do cultivo dos encontros e da presença daquilo que nos move; e de que nosso ofício, o fazer teatral, desempenha papel central na formação humana, abrindo espaços para novas formas de sensibilidade e novos modos de ser e estar no mundo.

Os Editores